

UM HOJE PARA MEDUSA: ATUALIZAÇÃO DO MITO PELA VOZ FEMININA

A PRESENT DAY FOR MEDUSA: REWRITING THE MYTH THROUGH A FEMALE VOICE

Roberta Regina Saldanha*
Flávia Brocchetto Ramos**
Marli Cristina Tasca Marangoni***

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir a representação de Medusa no poema “Um café com Medusa”, de Ana Martins Marques, a fim de refletir, a partir de abordagem analítica, sobre a atualização artística do mito na contemporaneidade. Tal movimento favorece discutir a permanência e/ou a mudança de questões sociais ligadas ao feminino. Concluiu-se que, no poema, há uma atualização do mito original, na medida que à Medusa é permitido reconhecer e manifestar seu desejo. A atitude feminina subverte a representação costumeira, ligada à competitividade e à sabotagem, transitando para a empatia, solidariedade e identificação que pautam a relação entre as interlocutoras, no café. Ainda entre as reverberações decorrentes da análise, evidencia-se que, ao tratarem da velhice, os versos dizem do cansaço e da desterritorialização dessas duas velhas cujas vozes conduzem os versos, mas também contradizem estereótipos: as mulheres velhas riem, têm desejos e são capazes de alegria e descontração.

336

PALAVRAS-CHAVE: Medusa. Mulheres. Poesia. Escrita feminina. Velhice.

ABSTRACT: This article discusses the representation of Medusa in the poem “Um café com Medusa” by Ana Martins Marques, with the aim of reflecting—through an analytical approach—on the artistic reworking of the myth in contemporary times. This movement enables a critical examination of the persistence and/or transformation of social issues related to femininity. The analysis concludes that the poem offers a revision of the original myth by allowing Medusa to recognize and express her desire. The female perspective subverts traditional portrayals—typically marked by competitiveness and sabotage—shifting instead toward empathy, solidarity, and identification, which frame the relationship between the two women in the café. Moreover, as the poem addresses aging, it articulates the exhaustion and displacement experienced by these two elderly women, whose voices drive the verses. At the same time, however, it challenges stereotypes: these older women laugh, express desire, and are capable of joy and ease.

KEYWORDS: Medusa. Women. Poetry. Female writing. Aging.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul. Bolsista Capes.

** Professora em cursos de Graduação e Pós-graduação da Universidade de Caxias do Sul. Bolsista produtividade CNPq.

*** Doutora em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. Professora da rede municipal de ensino de Bento Gonçalves.

Introdução

*mas hoje estamos velhas
ela e eu
cansadas de refletir o tempo
como um escudo
só queremos tomar nosso café
(Ana Martins Marques)*

Medusa é uma figura mitológica que atravessa os tempos e chega aos nossos dias ambientada em um cenário contemporâneo por meio do poema “Um café com Medusa”, presente no livro *Risque esta palavra*, da autora mineira Ana Martins Marques. Nesse sentido, o presente estudo dedica-se a analisar o modo como a personagem mitológica Medusa é representada, a fim de refletir sobre a atualização do mito na contemporaneidade. Enfim, o que fazem duas mulheres que compartilham um café? Ora, contam sobre suas experiências vividas ou sonhadas, observam a paisagem, riem... É assim que, no referido texto, Medusa se afasta do mito original, torna-se sujeito e, portanto, ser desejante.

À influência dos mitos no imaginário contemporâneo, a partir de novos contornos atribuídos à narrativa mitológica, soma-se o aspecto da autoria feminina na reescrita do mito, especialmente, tendo em vista a observação de Hilgert (2020) de que a formação do feminino, no imaginário, deu-se a partir das figuras das religiões e dos mitos elaborados por homens. Assim, verificar como os mitos são atualizados na literatura contemporânea pode contribuir para a compreensão da manutenção e das alterações de comportamentos, ideias e valores relacionados a essas narrativas.

Antes de recuperar algumas versões de Medusa, vamos apresentar a autora que compõe “Um café com Medusa”. Ana Martins Marques é uma poeta brasileira, nascida em Minas Gerais, uma das vozes mais expressivas da literatura

contemporânea, arrebatando leitores com seus mais de cinco livros publicados, dentre os quais, destacam-se *Da arte das armadilhas*, vencedor do prêmio da Biblioteca Nacional; *O livro das semelhanças*, que ficou em terceiro lugar no Prêmio Oceanos; e *Risque esta palavra*, vencedor do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). É desse último, lançado em 2021, o poema analisado neste artigo. A obra está organizada em quatro partes – “A porta de saída”, “Postais de parte alguma”, “Noções de linguística” e “Parar de fumar” – e convida-nos a acompanhar a poeta com seu olhar atento para pequenos objetos, acontecimentos do cotidiano, sensações e sentimentos arrebatadores e amenos. Com isso, a autora elabora um relato no qual inventa caminhos plurais traçados para falar da experiência de se estar em vida.

Neste estudo, fazemos inicialmente uma breve exposição sobre versões do mito que envolvem a personagem Medusa, reconstituindo a sua trajetória até a contemporaneidade. Para tanto, recorreremos principalmente a Bulfinch (2002) e Hilgert (2020). A seguir, tendo em vista a relevância da noção de desejo para a atualização do mito por meio do poema de Marques (2021), discorreremos sobre esse conceito, especialmente, pelo viés psicanalítico. Após, privilegiamos o diálogo proposto pela própria obra, entre a Medusa, o eu poético e o(a) leitor(a), abordando os possíveis sentidos presentes nos versos. Dessa forma, por meio do espaço aberto pela poesia, também estabelecemos um diálogo entre o passado e o presente, a Medusa de ontem e a de hoje, com a expectativa de que se vislumbre um futuro farto em desejos, os quais, ainda que fugidios, resultem em movimentos e avanços em direitos para as mulheres.

Olhares sobre a Medusa

Medusa era uma das Górgonas, “mulheres monstruosas, com dentes enormes como os do javali, garras de bronze e cabelos de serpentes” (Bulfinch, 2002, p. 142). Na versão apresentada pelo autor, Medusa foi transformada em monstro por Minerva (Atenas) por ter ousado competir em beleza com a deusa. Como criatura monstruosa, estava devastando a região do reinado de Polidectes, que

ordenou Perseu a combatê-la. Auxiliado por Minerva e Mercúrio (Hermes), Perseu conseguiu derrotar Medusa, decepando-lhe a cabeça. Bulfinch (2002) explica que Medusa representava os horrores do oceano, o temor pelos vagalhões marítimos.

Há, também, outras versões do mito. Em seu poema, Ana Martins Marques (2021) cita o autor de uma delas, Ovídio. Segundo Luiza Helena Hilgert (2020), é Ovídio quem apresenta a história de Medusa de forma mais detalhada, relatando seu nascimento; o fato de ter sido violentada por Poseidon no templo de Atenas; o castigo da deusa, que transforma Medusa em górgona; e a sua decapitação executada por Perseu. No seu estudo, Hilgert (2020) observa que, progressivamente, a figura mitológica começa a ser representada com beleza, a tal ponto de, na cultura contemporânea, Medusa aparecer, por vezes, como *femme fatale*. A autora defende que essa alteração progressiva é a passagem do mito da monstruosidade para o mito da beleza; ambos são formas de subjugar a mulher. Na primeira forma, compreende-se que a mulher é inferior ao homem por sua natureza monstruosa e selvagem, por essa razão, inicialmente, no mito, Medusa possui aspectos grotescos e animais. Na segunda forma, a beleza e a sedução passam a ser características das mulheres, sendo estabelecido um padrão estético que abrangeu até mesmo as representações de Medusa. Porém, outros aspectos seguem inalterados, como aqueles vinculados à maldade, ao poder e ao medo. Nesse sentido, Hilgert (2020) lembra que, tanto na mitologia grega como na mitologia cristã, às mulheres são atribuídas as causas do mal: Eva provocou a expulsão do paraíso; Pandora, ao abrir a caixa, liberou todos os infortúnios terrenos; e Medusa é razão de temor.

A autora salienta que há um gênero que se considera um Sujeito Absoluto, superior aos outros seres, e um gênero que seria o Outro Absoluto, inferior aos demais. Em referência à Simone de Beauvoir, ela esclarece que “o homem é o Sujeito (com letra maiúscula mesmo), a consciência essencial e absoluta, que

determinou toda a outra categoria, a das mulheres, como o Outro, como inessencial, como secundário porque foi constituído como tal ao diferenciar-se do homem” (Hilgert, 2020, p. 56). Desse modo, foi estabelecida a ideia de segundo sexo, discutida por Beauvoir.

Hilgert (2020) considera que Medusa atuou apenas como coadjuvante em uma história alheia e afirma:

O que tenho chamado aqui de mito da Medusa não existe, o que sabemos sobre ela é, na verdade, a história de Perseu. A figura de Perseu encarna muito bem o pensamento colonizador, masculino e europeu, no qual a Medusa representa o Outro, este Grande Outro, o Outro Absoluto. A Medusa, por sua vez, pode ser associada à mulher, que guarda semelhanças com os outros *Outros* em relação ao Sujeito Absoluto, o homem, e que pode simbolizar tanto países e culturas não-europeus, bem como todo indivíduo que não é o Homem (Hilgert, 2020, p. 58).

Para a autora, Medusa representa mais do que as mulheres, mas aquelas e aqueles que foram subjugados pela concepção eurocêntrica.

340

Como Sujeito Absoluto, portanto, produtor e relator da história, o homem descreveu e definiu o que implica ser mulher, de tal modo que, historicamente, as mulheres não pensaram a si mesmas. Hilgert (2020) argumenta que a pergunta “O que é ser mulher?” foi respondida apenas por homens. Neste estudo, visamos a um desdobramento desse questionamento, interrogando-nos: o que deseja a mulher? Para tanto, a análise da produção de textos literários de autoria feminina é um caminho profícuo diante das múltiplas possibilidades de respostas.

Nota-se que o desejo foi e ainda é abordado na literatura, uma vez que é característico dos seres humanos, e, sendo difícil de se apreender, pela escrita, pode-se ao menos contorná-lo, delineá-lo. Assim, intentamos descrevê-lo, mesmo que brevemente, para esta análise. Dentre as áreas que se dedicaram a uma definição do desejo, a Psicanálise se destaca pelo papel central que essa questão tem para as teorias freudianas e lacanianas. No presente estudo, que

considera o desejo como um caráter fundamental para a compreensão da narrativa de Medusa no poema analisado, constatam-se algumas semelhanças entre o texto literário e a abordagem psicanalítica.

De acordo com Ramos, Falcade e Albino (2021), o desejo está na base da vida psíquica, ou seja, no inconsciente. Os autores afirmam que, para a Psicanálise, trata-se de

um desejo desnaturalizado e lançado na ordem simbólica, que “só pode ser pensado na sua relação com o desejo do outro e aquilo para o qual ele aponta não é o objeto empiricamente considerado, mas uma falta”. Articulado a essa falta estrutural, o desejo “desliza como que numa série interminável, numa satisfação sempre adiada e nunca atingida” (Garcia-Roza, 2008, p. 240 *apud* Ramos; Falcade; Albino, 2021, p. 466).

Assim, visto que não pode ser objetivamente experienciado, no viés psicanalítico, o desejo é a impossibilidade de sua concretização.

341

Além disso, os autores esclarecem que o desejo, para a Psicanálise, é uma pulsão e seu objetivo idealizado seria a satisfação absoluta. Na impossibilidade de ausentar-se e de ser plenamente satisfeito, “o desejo é aquilo que mantém a vivacidade humana” (Ramos; Falcade; Albino, 2021, p. 467), uma vez que é o que impulsiona as pessoas a movimentarem-se. Entende-se, desse modo, que esse movimento de busca pela vida, uma potência de caráter humano, constitui o ser como sujeito.

Um convite ao diálogo

Poema longo para os tempos atuais em que a brevidade se impõe, em “Um Café com Medusa”, o eu lírico abre com epígrafe de Sebald, no livro intitulado *Vertigem*. A pergunta mobiliza o(a) leitor(a) para o tema posto: “Ou será então que você acredita, teria ela, escreve Beyle, ainda acrescentado, que Petrarca foi infeliz só porque nunca pode tomar um café?”. O título do poema de Martins e a epígrafe apontam para uma ação corriqueira: a possibilidade de tomar um café. Tal possibilidade está acompanhada do convite ao diálogo. A abertura

pela conjunção coordenada alternativa “ou” anuncia, de certa forma, a independência. Uma oração coordenada tem independência, mas, nesse caso, também sinaliza a alternância. Há, pois, outra possibilidade além da posta na epígrafe, trata-se de uma possibilidade. A seguir, o poema “Um café com a Medusa”, de Marques (2021, p. 41-43):

*Ou será então que você acredita, teria ela, escreve
Beyle, ainda acrescentando, que Petrarca foi infeliz só
porque nunca pôde tomar um café?*

W.G. Sebald, *Vertigem*

Tudo o que com os olhos toco
ela diz
transformo em pedra

mas tudo é já
desde sempre pedra
pó futuro

seus pais eram filhos do mar e da terra
cetáceos de um mundo arcaico
informe ainda
mas ela é mortal
destinada, como nós, ao pó

Ovídio diz ter sido justo e merecido
o castigo que lhe impingiu Atenas
transformando seus cabelos em serpentes
porque ela se deitara com Poseidon

são desde sempre as mulheres, ela diz,
condenadas pelo que fazem no leito

desde sempre amputadas
de suas terríveis cabeças

mas hoje estamos velhas
ela e eu
cansadas de refletir o tempo
como um escudo

só queremos tomar nosso café

cada serpente que lhe adorna a cabeça
fala em uma língua
e a traduz

mas na realidade
falamos pouco
enquanto olhamos o porto
e ela ajeita as asas
na cadeira

cúmplices
ela e eu
(embora eu evite
confesso
olhá-la nos olhos)
tomamos nosso café quase
em silêncio

ela diz que agora sonha apenas com o mar
que seus cabelos são algas e não serpentes
e que dançam lentamente no fundo de um oceano
cheio de monstros, como são os oceanos,
lagoas enormes e águas-vivas
e outras incongruências marinhas
corais e conchas que são
como estojos
e baleias que vivem até duzentos anos
o que para ela é nada, alguns segundos
como de fato é

e rimos as duas
que duas velhas sonhem ainda
e sempre o sexo

é talvez o que há no desejo de mais cruel
quando nele há tanto de cruel:
que ele dure, continue
e às vezes seja só desejo
do desejo
e seja móvel e mesmo
como o mar

aos que não têm mais pátria
seja porque se exilaram
seja porque o país se exilou de nós
e toma a forma de nossos pesadelos
seja porque na realidade não há países
mas extensões variáveis de terra
que as nuvens sem passaporte
atravessam
resta só a memória do mar
ela diz
batendo inutilmente

o mar e o café
ela diz
e, a cada qual,
suas serpentes

O poema vai se constituindo num movimento discursivo que atribui relevo a aspectos relativos à Medusa e, por extensão, à condição feminina. Na primeira estrofe, o eu lírico traz a voz de Medusa que sentencia sua sina — transformar em pedra o que seus olhos tocam. E nas duas seguintes, pondera de modo

solidário essa condição. A posição de Ovídio acerca da sina de Medusa é dada na quarta estrofe. Apenas na quinta estrofe, o eu lírico expõe, mesmo que pela voz da górgona, um dos temas do poema, manifestando posição solidária a todas as mulheres: “são desde sempre as mulheres, ela diz, condenadas pelo que fazem no leito” (Marques, 2021, p. 42).

No jogo discursivo, o eu lírico é a única voz enunciativa do texto. Ele fala por si e pelos outros. Diz o que pensa, diz por Medusa, interlocutora num café à frente de um porto, diz com base em Ovídio. A sétima estrofe traz uma oposição em relação às anteriores, ao resgatar a figura mitológica de um passado longínquo e ambas as interlocutoras da condição atemporal de condenação e da amputação, para situá-las no tempo presente: “mas hoje estamos velhas/ ela e eu/ cansadas de refletir o tempo/ como um escudo” (Marques, 2021, p. 42). A conjunção adversativa “mas” anuncia outro quadro do poema, contrapondo-se ao tempo passado e desdobrando os versos no “hoje”, que continua e atualiza a história de Medusa. A partir desse ponto, um “eu” (sujeito poético) se junta ao “ela” (Medusa) para atravessar o poema. Medusa não está mais só, e o sujeito que dela fala, ao mesmo tempo, fala de si. A ponte entre passado e presente, entre Medusa e leitor(a), é criada pelo eu poético, permitindo um alinhamento dos olhares para que se possa ver a progressão da história das mulheres, em uma perspectiva Ocidental.

O contínuo fluir do tempo em que essa história de mulheres vem sendo contada, por diferentes vozes, majoritariamente masculinas, desde os dias remotos, pode encontrar tradução na ausência de letras maiúsculas (à exceção daquela que inicia o poema) e no uso econômico da pontuação. E, se Ovídio cantou em versos a sorte de Medusa, é também no texto poético que o mito encontra atualização, porém, agora subvertendo a forma fixa. Composto por meio de irregularidade/inconstância na forma – versos com metros variados, estrofes com quantidade diferente de versos (de um a 18 versos) –, o poema de Ana Martins Marques cria uma Medusa que, embora apresente algumas

similaridades, diverge das versões mencionadas anteriormente, fazendo uma nova leitura do mito. Enquanto Ovídio, em sua narrativa, como cita a autora (2021, p. 41), “diz ter sido *justo e merecido*” Medusa ter sido castigada por Atenas, quem lê o poema se depara com uma Medusa que conta a própria história. Isso ocorre a partir de citações do eu lírico de falas da personagem, de modo que a intercalação de suas palavras com as do sujeito poético estabelece um diálogo.

A personagem inicia os primeiros versos do poema com “Tudo o que com os olhos toco/ela diz/transformo em pedra” (Marques, 2021, p. 41), marcando a diferença do texto em relação aos demais, escritos por homens, nos quais o protagonismo cabe à Perseu. Como afirma Gelmini (2023, p. 136), “Trata-se de um modo de escuta da voz ativa de Medusa que, ao mesmo tempo, pode nos dar a ouvir a condição de outras mulheres”. A voz da Medusa é trazida pela voz de outra mulher, contemporânea, que lhe abre espaço hoje, em uma mesa de café em frente ao mar, resgatando-a do tempo passado e da cristalização mítica.

Ao abrir o poema, transportando para o primeiro plano o falar de Medusa, o sujeito poético lhe confere lugar de precedência, colocando-se respeitosamente depois dela, inicialmente como sucessora ou herdeira, quiçá, como responsável por guardar e revelar essa narrativa silenciada da mulher. Nos versos “Mas hoje estamos velhas/ ela e eu” e “Cúmplices/ela e eu”, as pessoas “ela e eu”, nessa ordem, reforçam a ideia de que Medusa tem o primeiro lugar, a prioridade no lugar da fala.

No correr dos versos, o sujeito poético vai encontrando também uma posição ao lado de Medusa, estabelecendo com ela a interlocução que é o mote do poema e entrelaçando sua voz à dela, em diálogo. O paralelismo no intercâmbio das vozes que se fazem escutar ganha materialidade na organização inicial das estrofes, em dois tercetos. Esse movimento é decisivo, pois vai retirando

Medusa do seu (não)lugar histórico, um monstro de quem se fala, estranho e distante do ordinário e comum, e visibilizando a sua humanidade, sua presencialidade e sua possibilidade de dialogar em pé de igualdade com uma mulher dos nossos tempos.

Ao longo dos versos, encontram-se cinco ocorrências da expressão “ela diz”, para introduzir a fala de Medusa (uma delas de modo indireto), o que ressalta sua condição de enunciativa da própria história e, além disso, sublinha o tom de interlocução, de conversa, coerente com o cenário do café. Terão as mulheres de hoje que ouvir as mulheres do passado, silenciadas, decepadas, para que as representações do feminino sejam atualizadas e possam tomar outro curso. Medusa tem poder de reduzir a pedra quem a olhar, mas ela mesma é petrificada na visão mítica, reduzida aos limites da representação repetida e legitimada ao longo do tempo. É nessa medida que o poema de Ana Martins Marques, rompendo com as narrativas anteriores, segue versando sobre a representação e a condição da mulher na sociedade.

346

Além da capacidade de petrificação de seres, como no mito clássico, no poema, Medusa é neta de Gaia e Oceano, filha dos “cetáceos de um mundo arcaico” (Marques, 2021, p. 41) e mortal. Descendente do mar e da terra, Medusa é um ser mesclado: ao mesmo tempo que traz em si a força da terra e da água, elementos que a prendem à superfície do chão, ela tem asas, com as quais pode também alçar aos céus, distanciando-se da sua origem e ampliando seu espaço de atuação e seu poder de transitar por diferentes elementos e ambiências. Tem-se, então, um ser que atravessa espacialidades diversas, mas não apenas, pois sua permanência no imaginário ao longo dos séculos também nos sinaliza o devir através dos tempos.

Aliás, como nos textos antigos, repete-se, nos versos de Marques, o castigo imposto por Atenas; muda, porém, um aspecto importante: Medusa deixa de ser violentada por Poseidon no templo da deusa; a punição é aplicada “porque

ela se deitara com Poseidon” (Marques, 2021, p. 41). A escolha vocabular de Marques (2021) altera a história da personagem e, por conseguinte, a sua representação como figura feminina, uma vez que a carga semântica de “deitar” não implica violência e revela a escolha de Medusa por relacionar-se com Poseidon, o que é reforçado pelo uso do pronome reflexivo “se”.

Nos versos seguintes de “Um café com Medusa”, consta: “são desde sempre as mulheres, ela diz,/condenadas pelo que fazem no leito” (Marques, 2021, p. 42). A escolha pelo verbo “fazer” e pelo termo “leito” possibilitam interpretar que existe o desejo em Medusa, e, para alcançá-lo, ela assume a agência, não estando à mercê de Poseidon e não havendo violência, o que é reiterado pelo uso do discurso direto de Medusa.

Cabe salientar que, apesar de se reconhecer o desejo de Medusa por “se deitar com Poseidon”, persiste, em sua fala, a violência de gênero. A personagem constata que, historicamente, as mulheres são culpabilizadas e condenadas quando a temática é sexualidade. Da mesma forma que Medusa, as mulheres são “desde sempre amputadas/de suas terríveis cabeças” (Marques, 2021, p. 42). Como afirma Geraldo (2022, p. 229),

É subjugando a mulher e cerceando-a, que o homem tentará extirpar seu terror diante do feminino. Se ela é a natureza estranha, o terror imiscuído de respeito, é preciso controlá-la, tolher-lhe os poderes a fim de que não se insurja contra o homem. Quando Perseu decepa a cabeça da Górgona, empreende justamente esse gesto: o de silenciar, subjugar, aquela que impinge certo temor.

É, portanto, desde antes, desde a origem do mito, que as mulheres têm seus desejos mutilados e, não por acaso, têm suas cabeças, justamente essa parte do corpo associada ao intelecto e à capacidade de discernimento, decepadas, sendo impossibilitadas de pensar e agir conforme suas vontades sob o risco da agressão. A cabeça é o comando do corpo. O que é, então, de um corpo sem cabeça? As mulheres, “desde sempre amputadas de suas terríveis cabeças”, reduzem-se a um corpo, objeto de desejo do outro. Amputar a cabeça cheia de serpentes é neutralizar o risco que ela representa. O que podem representar as

tais “serpentes na cabeça”? Associada à figura do réptil peçonhento, a cognição feminina tem destacadas suas atribuições costumeiras de sedução e perfídia ou deslealdade. Associações nesse sentido podem estar relacionadas ao medo, que, conforme Gelmine (2023), é uma ferramenta para o controle social. A partir dele, a sociedade patriarcal contém e manipula as mulheres, gerando rivalidade entre elas e os homens, os quais se sentem ameaçados como Perseu por Medusa, bem como ampliando esse controle a partir da rivalidade feminina.

Entretanto, a Medusa de Marques e o eu poético estão fatigadas, “cansadas de refletir o tempo/como um escudo” (Marques, 2021, p. 42). O escudo usado por Perseu era espelhado, e, para decapitar Medusa, o herói não olha diretamente para o monstro, mas para o seu reflexo e, assim, evita tornar-se pedra. Lembramos que o espelho é, frequentemente, associado à vaidade feminina que, em algumas versões desse mito, concretiza-se no fato de Medusa considerar-se mais bela do que Atenas, o que teria motivado a vingança da deusa. Além disso, soma-se a essa ideia de vaidade a vinculação da imagem de Medusa à beleza e à sedução.

O espelho reflete a imagem e o passar do tempo sobre ela, o envelhecimento, do qual, historicamente, as mulheres buscam se escudar. No poema em foco, podemos pensar que a górgona e o eu poético estão fartas de “refletir o tempo”, nesse jogo antigo de espelho e escudo, pelo qual o feminino revela em si o tempo que passa e, simultaneamente, dele se defende. Assim, se os versos nos falam do feminino e da sua segregação a partir do tempo, falam também do envelhecimento, condição que reforça a marginalização. Ser mulher velha é, frequentemente, ser asilada e desterrada, em nossa sociedade; é perder o lugar social associado à “utilidade” e, às vezes, perder-se de si mesma no esquecimento.

Na potente imagem poética “extensões variáveis de terra/ que as nuvens sem passaporte/ atravessam” (Marques, 2021, p.43-44), ganha força a limitação

imposta aos degredados, aos que vivem a ausência de vínculos de pertencimento, a solidão e a exclusão. Enquanto as nuvens, elementos tão etéreos, associados à impermanência, têm liberdade de atravessar territórios, mesmo sem portar consigo licenças, à Medusa, ainda que tenha forças de águas, de terras e de céus, é vedada a livre circulação pelo espaço. Neste ponto, ganha destaque a exploração que o poema faz das espacialidades e da sua interdição aos que não têm mais permissão de habitá-las: Medusa não tem mais pátria; a mulher envelhecida também perde sua pátria, seu lugar, seu pertencer... Aos expulsos da pátria, resta, pois, o seu domínio sobre o tempo, por meio da capacidade de presentificá-lo pela rememoração: “resta só a memória do mar” (Marques, 2021, p. 44).

Ao tratarem da velhice, os versos dizem do cansaço e da desterritorialização dessas duas velhas cujas vozes conduzem os versos, mas também contradizem estereótipos: as mulheres velhas riem, são capazes de alegria e descontração; não são assexuadas, mas desejam o desejo “e sempre o sexo” (Marques, 2021, p.43); não pararam de sonhar, pois olham o mar e suspiram ante suas potências e materialidades: são estojos, como as conchas, ao conterem em si o desejo. As incongruências do mar são também suas incongruências, uma vez que guardam em si o que pode soar insensato ou inadequado e que faz com que a crueldade do desejo se imponha, mesmo ante toda a impossibilidade.

Nos espaços de conversa entre Medusa e sua interlocutora, alguns silêncios que atravessam o feminino e seu envelhecer perfuram a crosta do tempo e jogam luzes para o lugar da mulher da sociedade. Ao analisar releituras do mito da Medusa que contribuem para a reescrita da história, Magalhães (2024, p.12) observa que, na “língua de serpente” do poema de Marques, bifurcam-se o arcaico e o contemporâneo, abrindo a narrativa mítica para

questões atuais e mais que urgentes que atravessam o nosso tempo: as mulheres condenadas — seja por serem estupradas, seja pelo que fazem no leito, seja por terem desejo e por falarem de sexo quando velhas –, os imigrantes, o despatriamento, os nacionalismos e os autoritarismos novamente emergentes, aludindo, ainda, com os

versos “seja porque na realidade não há países / mas extensões variáveis de terra”, à colonização, à invasão, à dominação de territórios e de corpos como “desde sempre” os heróis fizeram em relação às extensões de terra e aos corpos das mulheres. Dessa mulher de cuja cabeça cada serpente fala em uma língua, abre-se a questão da violência contra os povos, contra os corpos, contra as línguas, contra as mulheres, contra os exilados, ou seja, todos esses que, historicamente, são considerados pejorativamente como ‘outros’ [...].

Para Hilgert (2020, p. 66), “A misoginia explícita e implícita no Mito de Medusa sobreviveu ao longo da História e continuamos a reproduzir, geração após geração os elementos de opressão presentes no mito. O arcaísmo da misoginia permanece contemporâneo”. Ana Martins Marques registra essa permanência arcaica em seus versos, apesar de também mostrar algumas mudanças. A ausência de ponto final no decorrer do poema e ao seu final sinaliza a continuidade dessa antiga história, que segue sendo contada, dia após dia, e pode ganhar outros contornos.

Dessa forma, o poema de Marques (2021) distancia-se do mito arcaico, visto que o ponto de partida para a narração mitológica é a própria Medusa, firmando-se, assim, como narradora da sua história. Mais que isso, é ela a autora de sua história e reconhece a si mesma como ser desejante, bem como o eu poético, no verso: “só queremos tomar nosso café” (Marques, 2021, p. 42). Com a utilização do verbo “querer”, aparece de modo evidente o desejo: há uma vontade de realizar algo, tomar café. Também nesse verso, há sinais da aliança que se estabelece entre Medusa e o eu lírico, a qual está explícita na décima primeira estrofe: “cúmplices/ ela e eu / (embora eu evite/ confesso/ olhá-la nos olhos) / tomamos nosso café quase/ em silêncio” (Marques, 2021, p. 42). Como observa Gelmine (2023), a cumplicidade é reforçada pelo silêncio, que considera uma forma de linguagem de alto teor significativo, reforçando a ideia de acolhimento entre as duas mulheres.

Se há, enfim, um Sujeito e um Outro, há também um “nós”, que, ao longo dos versos, compartilha alguns estados de ânimo (“estamos velhas [...] cansadas”)

e protagoniza algumas ações: “queremos”, “falamos”, “olhamos”; “tomamos”; “rimos”. Os verbos geram uma oposição com relação aos aspectos associados às serpentes, ao mesmo tempo em que sublinham a cordialidade, a empatia e o companheirismo, como elementos que participam da reabilitação de Medusa e, junto a ela, de um coletivo feminino. Assim como Perseu, a interlocutora de Medusa evita olhá-la nos olhos, mas a percebe pelo seu reflexo através da superfície do tempo e pela escuta que dela faz no café: se ambas falam pouco, à Medusa cabe, muitas vezes, o turno de fala, seja para narrar a si, à sua história, seja ainda para contar o seu querer.

A Medusa de Marques (2021) é portadora de sonhos: “sonha apenas com o mar/ que seus cabelos são algas e não serpentes/ e que dançam lentamente no fundo de um oceano/ cheio de monstros, como são os oceanos” (Marques, 2021, p. 43). Nesse sentido, a personagem salienta seu caráter como sujeito, que imagina outros contextos, que quer outra realidade, na qual ela não é um monstro com serpentes nos cabelos; os monstros estão *no mar*, eles são os outros. Contudo, apesar das feras, é o oceano que Medusa deseja, é para ele que ela olha do porto, acompanhada do sujeito poético. Assim, se o querer de Medusa está no simples e imediato café, o seu sonhar a leva ao mar, povoado de monstros e incongruências. A massa líquida configura-se, pois, como espaço inacessível do desejo e da contradição que assume a mobilidade do mar e a crueldade de perdurar no tempo, tornando-se desejo do desejo.

Ressalta-se que o mar é lugar de origem de Medusa e do reinado de Poseidon, com quem ela, no poema, deita-se, constatando-se, com isso, o desejo da personagem, uma vez que há a referência marítima. Esse aspecto é reiterado pelos versos seguintes, “e rimos as duas/ que duas velhas sonhem ainda/ e sempre o sexo” (Marques, 2021, p. 43). Nessa perspectiva, as duas personagens se alinham à definição de desejo de Ramos, Falcade e Albino (2021). Segundo eles, o desejo é sempre sexual e está relacionado às pulsões inconscientes, formadas muito cedo e presentes até a morte. Embora “as duas velhas”

abordem seu desejo conscientemente, elas demonstram que não há como evitá-lo, uma vez que, mesmo com o passar dos anos, persiste o sonho e a sexualidade.

Diante disso, há certo pesar, porque “resta só a memória do mar/ ela diz/ batendo inutilmente” (Marques, 2021, p. 44), isto é, apesar da persistência da vontade, o objeto de desejo foi perdido, virou pó. Nesse sentido, nota-se uma relação entre a capacidade de petrificação de Medusa e o ato de desejar. Nos versos de Marques (2021), é o que Medusa *toca* que se transforma em pedra, sendo possível compreender que é o que ela alcança, os desejos que conquista que viram pó. Porém, Marques (2021, p. 41) apresenta uma ponderação: “mas tudo é já/ desde sempre pedra/ pó futuro”. Isto é, não só o homem bíblico ao qual Deus constituiu por meio da poeira terrena – a mesma de que é feita Medusa, segundo consta no poema, “ela é mortal/ destinada, como nós, ao pó” (Marques, 2021, p. 41) –, mas o próprio desejo é pó futuro. Quando alcançado o desejo, como foi sonhado, revela-se irreal, porque se trata da “busca de um ideal impossível, que consiste numa satisfação sexual absoluta” (Ramos; Falcade; Albino, 2021, p. 466).

352

No poema, inicia-se a elaboração de um aspecto negativo de desejar, o qual é evidenciado nos versos “é talvez o que há no desejo de mais cruel/quando nele há tanto de cruel:/que ele dure, continue/e às vezes seja só desejo/do desejo/e seja móvel e mesmo/como o mar” (Marques, 2021, p. 43). A negatividade do desejo está em persistir e em ser contínuo, como as ondas do mar que vêm e vão e se alteram quanto ao formato, mas não quanto ao movimento. Também, constata-se, nos versos de Marques (2021), que “o desejo deseja desejar” (Ramos; Falcade; Albino, 2021, p. 467), sendo possível considerar que é dessa forma que Medusa se mantém viva, porque o desejo, como afirmam Ramos, Falcade e Albino (2021), é vivacidade. Estabelece-se, assim, o “paradoxo do desejo: embora impossível, a relação de total

completude entre sujeito e objeto é sempre desejada” (Ramos; Falcade; Albino, 2021, p. 470).

Junto à afirmação do sujeito feminino como ser desejante, há a consciência de que o que ele deseja é pouco, simples, mínimo: tomar um café e olhar o mar. As palavras “só” e “apenas”, reforçam essa conotação: “Só queremos tomar nosso café”; “[...] sonha apenas com o mar”. Além disso, Medusa ajeita as asas na cadeira, não alça voos, está acomodada na quietude da contemplação. As asas recolhidas e “ajeitadas” à postura mais passiva do sujeito também indiciam a “pequenez” dos desejos enunciados: ela poderia mais, poderia alcançar distâncias de céu, mas quer o descanso, a segurança, a quietude e o deleite. Afinal, o que resta ao sujeito desejante, bem como aos demais exilados apátridas que o tempo envelheceu? Além do café e do mar, com suas serpentes, resta-lhe, segundo sua própria voz, “a memória do mar/[...] batendo inutilmente”. O tom de nostalgia atravessa a fala dessa Medusa, cujo tempo vivido e perdido merece ser lembrado, um enfrentamento necessário, afinal, não só na cabeça de Medusa ondulam serpentes: elas habitam também o mar (que materializa a memória do passado) e o café (que representa o momento presente). A serpente então, como signo de potência e perigo, liga as diferentes temporalidades do ser feminino que enuncia a si mesmo nos versos.

353

Simone de Beauvoir (1970, p. 182) declara que:

Todo mito implica um sujeito que projeta suas esperanças e seus temores num céu transcendente. As mulheres, não se colocando como sujeito, não criaram um mito viril em que se refletissem seus projetos; elas não possuem nem religião nem poesia que lhes pertençam exclusivamente: é ainda através dos sonhos dos homens que elas sonham.

A reflexão da filósofa destaca o assujeitamento feminino, que, ao longo dos tempos, restringiu as mulheres às projeções, aos sonhos, às esperanças e aos temores masculinos. Ao deixar Medusa falar por si mesma do seu passado e do seu porvir, o poema anuncia ao feminino um tempo para sonhar os próprios sonhos.

Considerações finais

A escrita de textos literários, como o poema de Ana Martins Marques, evidencia que, contemporaneamente, as mulheres escrevem e reescrevem mitos a partir do seu ponto de vista, elaboram seus sonhos e são autoras de poesia. No decorrer desta análise, observamos que “Um café com Medusa”, de Ana Martins Marques, retoma a mitologia arcaica e traz novamente a violência que perpassa a narrativa. Entretanto, no poema, Medusa se afasta do mito original ao assumir a agência de seus atos, reconhecendo seus desejos, ainda que seja punida por eles. Nessa medida, Medusa deixa de ser o Outro do qual fala Hilgert (2020): a personagem assume um discurso direto, conta a própria história e manifesta o que deseja, subvertendo o papel secundário relegado às mulheres historicamente. Reitera essa perspectiva a aproximação de Medusa com o sujeito poético feminino, que também narra a história da personagem mitológica e reforça suas falas.

354

Embora o temor ainda impeça o olho no olho, a escuta sustenta a conexão entre as mulheres. As diferentes línguas em que as serpentes falam traduzem a realidade compartilhada da opressão feminina. E nessa escuta mútua riem, silenciam e olham o porto. Mais do que olharem uma à outra, a relação entre ambas se fortalece ao olharem para a mesma direção. A interlocução modifica o modo como o mar é significado, pois povoa-o de memórias e sonhos, transformando-o em espaço comum e partilhado.

Assim, se no mito arcaico da Medusa, é por uma vingança feminina que os cabelos da mulher dão lugar a serpentes, agora, é outra mulher que a acompanha em um café e se dispõe a abrir-lhe espaços de fala. A atitude feminina subverte a representação costumeira, ligada à competitividade e à sabotagem, transitando para a empatia, a solidariedade e a identificação que pautam a relação entre as interlocutoras, no café. E até o aspecto repulsivo e ao mesmo tempo fascinante do monstro assume ares tão humanizados e

singelos, que a interlocutora se coloca junto à Medusa, não apenas no espaço físico, mas nos desejos compartilhados, no cansaço, nos silêncios e no riso. Afinal, quanto há de Medusa no íntimo de cada mulher? Asas recolhidas, desejos inacessíveis, fadigas ancestrais... Então, quem ousará olhar-nos nos olhos ou, ao menos, ouvir nossa vontade?

Ao comparecer a esse café com Medusa, constatamos que a linguagem poética favorece a revisita ao mito arcaico, convocando-o aos versos pela intertextualidade. Se o movimento intertextual viabiliza a recorrência à narrativa antiga, a metáfora, como recurso poético por excelência, faz a atualização dessa história, transmutando-a: de evento transcorrido em um tempo imemorial a evento inacabado, que tem continuidade e permanência nos nossos dias; de percurso individual a coletivo, visto que não se trata mais só da Medusa, mas das mulheres desterradas de tantas pátrias e/ou sem juventude.

355

Em seu emprego metafórico, o escudo, por exemplo, não é apenas a arma com que Medusa é decapitada; verte-se, nas mãos das mulheres, em espelho e proteção contra o tempo – “mas hoje estamos velhas/ ela e eu/ cansadas de refletir o tempo/ Como um escudo” (Marques, 2021, p. 42). As serpentes que tomam o lugar dos cabelos de Medusa estão agora também no mar e no café – “O mar e o café / ela diz / e, a cada qual, / suas serpentes” (Marques, 2021, p. 44) – e, pela metáfora, simbolizam a potência e os riscos que cercam o feminino e que não estão apenas em sua cabeça, mas no seu entorno. O mar, como elemento que catalisa o olhar e o sonhar de Medusa – “ela diz que agora sonha apenas com o mar” (Marques, 2021, p. 43) –, remete agora, metaforicamente, à pátria que ela perdeu, ao passado que ficou para trás, ao amor interdito. Enfim, a própria Medusa converte-se em metáfora de uma coletividade de mulheres, ao congregar em si, simbolicamente, o poder da cabeça feminina, os temores ligados à feminilidade, a condenação social, a expulsão da mulher do lugar de reconhecimento social, como antes do templo de Atenas.

Respondendo à pergunta “O que quer a mulher?”, a poeta Ana Martins Marques constrói uma nova narrativa para Medusa e, por conseguinte, para as mulheres. A possibilidade de enunciar essa pergunta e elaborar respostas implica o reconhecimento da mulher como ser que deseja, isto é, trata-se de assumir sua condição como sujeito, que não está submisso às vontades e à narrativa alheia. Nessa produção, em que a prosa converge para a poesia, o passado para um presente possível e a invisibilidade feminina para a presença e o dizer de si, a poesia vai encontrando caminhos ante os desafios contemporâneos.

Ainda que seja necessário perguntar “quais?”, as mulheres, nesta segunda década do século XXI, podem ter autoria sobre as próprias histórias e pensar sobre si mesmas a partir de si. Hoje, apesar de “cansadas de refletir o tempo como um escudo”, as mulheres, assim como Medusa, podem desejar tomar um café e assim o fazer – esse ato, sim, “justo e merecido”.

356

Digna de justiça e mérito é também a reabilitação de Medusa para os nossos dias, a partir das frestas do mito sedimentado, pela mão de outra mulher. Essa ação abre passagem para que outras mulheres possam ocupar um espaço em frente ao mar para um café, pontilhado de falas e silêncios. Um tempo para habitar a segurança do porto, descansar da jornada e mirar as próprias memórias e desejos, enfim, parece estar mais próximo.

Referências

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Fatos e mitos. 4. ed. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

DESEJO. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

FREUD, S. A cabeça de Medusa. Tradução: Ernani Chaves. *Clínica & Cultura*, São Cristóvão, v. 2, n. 2, p. 91-93, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/download/1938/1698>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GELMINI, Juliana dos Santos. Um café com a Medusa, Ana Martins Marques e Hélène Cixous. *Revista Criação e Crítica*, São Paulo, n. 35, p. 132-147, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.i35p132-147>. Acesso em: 5 jan. 2024.

GERALDO, Vitor Hugo Luís. “A cabeça e as belas faces de Medusa”: de Caravaggio a Luciano Garbati. In: PEREIRA, Kênia Maria Almeida; FARIA, Elisandra Beatriz; MELO, Francisco de A. Ferreira; SANTOS, Katiusce Aparecida Silva Santos; PERSICANO, Léa Evangelista (org.). *De Medeia a Medusa: transgressões e permanência da mitologia*. Uberlândia-MG: Pojetium, 2022. 211-230 p.

HILGERT, Luiza Helena. O arcaico do contemporâneo: Medusa e o mito da mulher. *Lampião – revista de filosofia*, Maceió, v. 1, n. 1, p. 41-70, 2020. ISSN: 2675-9659. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/lampiao/article/view/11689>. Acesso: 2 jan. 2024.

MAGALHÃES, Danielle. Medusa: reler o mito, reescrever a história. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 32, n. 3, 2024. DOI: 10.1590/1806-9584-2024v32n391630. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/91630>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MARQUES, Ana Martins. *Risque esta palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. Mito e literatura. *Ciênc. let.*, Porto Alegre, n. 42, p. 9-19, jul./dez. 2007.

RAMOS, Rita de Cássia; FALCADE, Paulo Rodrigo Unzer; ALBINO, Araceli. O enigma do desejo: uma interface entre psicanálise e literatura. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, Uberaba/MG, v. 9, n. 2, p. 462-471, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4979/497969633011/html/>. Acesso em: 2 jan. 2024.